



O SERTÃO NARRADO E CONTADO: ENTRELAÇANDO GEOGRAFIA E LITERATURA NA COMPREENSÃO DO ESPAÇO-LUGAR¹.

Juliana Araújo Santos ²

RESUMO

O entrelaçamento entre Geografia e Literatura tem se apresentado como grande fonte de reflexões e descobertas para a compreensão de fenômenos que refletem na dinâmica espacial, a relação entre homem e o meio, descortinando olhares frente aos processos sócio-espaciais, alguns deles não materializados, cuja apreensão e análise pautam-se na sensibilidade do ver, observar, sentir e traduzir. Nesse sentido, a produção desse artigo foi motivada pelos debates desenvolvidos durante as aulas da disciplina “A Literatura no Espaço Geográfico” do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia e se configura como parte do projeto de doutorado ainda em processo de organização. A partir da abordagem humanista fenomenológica, o intuito desse artigo é desenvolver uma análise geoliterária da obra “*Essa Terra*” do autor Antônio Torres, enfocando como o Sertão, lócus de narração da história, é representado e percebido pelos sujeitos desse espaço-lugar. Na obra de Antônio Torres fica evidente que a relação do homem com o espaço ganha uma dimensão central, levando o leitor a entender o espaço através do tempo, e a dissociabilidade do sujeito com seu espaço o leva a morte. O sertão narrado e contado através da obra de Torres é um espaço carregado de sentido e significações, e por isso um lugar, onde transitam os sujeitos que contraditoriamente ligados à terra, vêm no seu desapego do migrar o meio de sobreviver e obter dignidade. Sair da terra e levá-la em si, voltar à terra e não se perceber dali, e assim se delinea o espaço-lugar.

Palavras-chave: geografia, literatura, lugar, sertão.

ABSTRACT

The intertwining between Geography and Literature has been presented as a great source of reflections and discoveries for the understanding of phenomena that reflect on the spatial dynamics, the relationship between man and the environment, revealing looks towards socio-spatial processes, some of which have not materialized. apprehension and analysis are based on the sensitivity of seeing, observing, feeling and translating. In this sense, the production of this article was motivated by the debates developed during the classes of the discipline "Literature in Geographical Space" of the Graduate Program in Geography at the Federal University of Bahia and is part of the doctoral project still in the process of organization. From the humanist approach, the purpose of this article is to develop a geographic analysis of the work “*Essa Terra*”, by the author Antônio Torres, focusing on how the Sertão, locus of narration of history, is represented and perceived by the subjects of this space-place. In the work of Torres, it is evident that the relationship between man and space gains a central dimension, leading the reader to understand space through time, and the dissociability of the subject from his space leads him to death. The sertão, narrated and told through Torres' work, is a space full of meaning and meanings, and

¹ Este artigo resulta do trabalho final da disciplina “Espaço Geográfico na Literatura” do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), ministrada pela professora Maria Auxiliadora da Silva e se refere a parte inicial da tese de doutoramento da autora.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, juliana2010.geo@gmail.com



therefore a place where the subjects who contradictorily linked to the land transit, in their detachment from migrating, the means of surviving and obtaining dignity. Leaving the earth and taking it with you, returning to the earth and not noticing yourself there, and so the space-place is delineated.

Key words: geography, literature, place, sertão.

1. A GEOGRAFIA E A LITERATURA, CAMINHOS QUE SE CRUZAM

A busca pela compreensão do espaço e dos processos que permeiam a sua construção e diferenciação a partir da ação dos diferentes grupos sociais encontrou, no entrelaçamento entre Geografia e Literatura, uma grande fonte de reflexões e descobertas para a compreensão de fenômenos que refletem a dinâmica espacial. Este entrelaçamento auxiliou no descortinar dos olhares frente aos processos sócio-espaciais, alguns deles não materializados, cuja apreensão e análise pautam-se na sensibilidade do ver, observar, sentir e traduzir.

Nesse sentido, a perspectiva aqui tratada vai além da objetificação³ de espaços, sujeitos e fenômenos, mas busca uma relação de simbiose e conexão entre quem pesquisa e aquilo que é pesquisado, onde através da análise geoliterária a Geografia possa ultrapassar seu espaço de ciência e se constitua enquanto arte de desvendar o espaço e suas dinâmicas, conforme enfatiza Santos (1994). Nesse sentido, Marandola e Oliveira (2009, p. 488) elucida

(...) a Geografia e espaço não são sinônimos, mas a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar.

Segundo Marandola e Oliveira (2009) a Geografia e a Literatura nasceram juntas na Grécia antiga, mas o advento da modernidade e a consolidação da Geografia como ciência autônoma no século XIX fizeram seus caminhos se distanciarem. Corroborando com essa análise, que vincula a Geografia à Arte, Santos (1994, p. 07) afirma que

A poesia e a filosofia, acopladas à geografia antiga. Nos tempos de Heródoto, os viajantes faziam geografia sem o intuito de fazê-la. A meu ver, o maior erro que a geografia cometeu foi o de querer ser ciência, em vez de ciência e arte.

A reaproximação entre Geografia e Literatura, como elucida Almeida (2018) aconteceu quando alguns geógrafos, de forma bastante esparsa, passaram a buscar na Literatura um possível caminho de investigação geográfica, o que, segundo o autor, se deu a partir da década de 1970, cujo estímulo foi o surgimento das correntes humanistas e culturais. Suess (2017) aborda que apesar dessas abordagens se distinguirem, apresentam como ponto comum o uso da

³ Objetificação aqui expresso como sinônimo de definição de meros objetos de estudo.



fenomenologia enquanto método que prioriza a análise, enfocando a experiência do sujeito com o mundo e a subjetividade como elementos imprescindíveis à compreensão do espaço.

Carl Sauer, um dos expoentes da Geografia Cultural e Humanista, contrapôs os princípios da Geografia Teorético-quantitativa e, conforme assinala Suess (2017, p. 98), foi pioneiro em reconhecer que as qualidades estéticas da paisagem deveriam ser apreciadas por um método subjetivo e que a percepção e a interpretação individual estariam ao lado das técnicas. Sauer trouxe à baila uma crítica ao quantitativismo exacerbado e ressignificando abordagens ligada ao “*modus vivendi*”, com foco na interdisciplinaridade, deixando assim um grande legado para a Geografia de cuinho humanista cultural.

Para Marandola (2005) a abordagem humanista e a abordagem cultural são uma demonstração do humanismo em Geografia, cuja análise enfoca a experiência do sujeito com o mundo, corroborando com Tuan (1982, p. 144), o qual afirma que o "humanismo luta por uma visão mais abrangente", abrindo espaço para análise organização espacial pelo viés cultural, conforme assinala Corrêa (2000).

Corrêa ratifica que na Geografia Humanista e Cultural, o lugar passa a ser uma categoria analítica da Geografia de grande relevância, enquanto o espaço adquire o significado de espaço vivido, no qual a subjetividade ganha evidência como método de análise. Marandola e Oliveira (2009) por sua vez enfatizam que, nessa corrente geográfica, muitas discussões estão alicerçadas a partir das noções de território, lugar, paisagem e região, tanto em sentido conceitual quanto metafórico.

Pautada na abordagem humanista, o intuito desse artigo é desenvolver uma análise geográfica da obra “*Essa Terra*”, do autor Antônio Torres, enfocando como o Sertão, lócus de narração da história, é representado e percebido pelos sujeitos desse espaço-lugar. O lugar, compreendido a partir das contribuições de Carlos (2007) como base da reprodução da vida e analisado pela tríade habitante - identidade – lugar, buscando compreender a partir da Literatura de Torres as relações mantidas entre os personagens, e entre eles e o espaço em que habitam.

A concepção de lugar, tratado aqui como espaço-lugar, que consubstanciará a análise da obra, é expressa pela discussão de Carlos (2007, p. 17), ao afirmar que os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo e dos sentidos. E é embalado por essa análise conceitual geoliterária que buscar-se-á compreender o sertão descrito por Antônio Torres, narrado por Totonhim, um dos doze irmãos de Nelo, personagem principal, que em busca de uma vida melhor sai do Junco, interior do nordeste, em direção a São Paulo movido pelo sonho da prosperidade.



2. METODOLOGIA

A produção desse artigo foi motivado pelos debates profícuos desenvolvidos durante a disciplina “A Literatura no Espaço Geográfico” componente ministrado pela professora Maria Auxiliadora Silva na Universidade Federal da Bahia e se configura como parte do projeto de doutorado⁴ ainda em processo de organização.

A escrita desse artigo pautou-se na leitura e análise da obra “Essa Terra” do autor Antônio Torres, onde buscou-se através da Literatura desenvolver uma análise geográfica com foco em perceber como o autor delinea o espaço ocupado e vivenciado pelos personagens, buscando fazer uma correlação com a discussão sobre lugar.

Como forma de embasar a análise sobre a percepção do lugar buscou-se suporte de autores ligados a Geografia Humanista e a Fenomenologia como Tuan (1982), Marandola (2008), Merleau-Ponty (1996, 2006). Nessa perspectiva Maurice Merleau-Ponty (1999) discute que a fenomenologia de Husserl está centrada em descrever fenômenos, sem grande preocupação em explicá-los e analisá-los, na ótica Husserliana a fenomenologia se realiza na retomada, na reelaboração e revisitação pautada em uma atitude crítica direcionada inclusive a si mesmo.

A escolha da fenomenologia como método de análise perpassa pela compreensão do seu papel enquanto fruto de movimentos ligados ao enfrentamento acerca do racionalismo, empirismo, universalismo e de toda e qualquer normatização do ser e da linguagem, desta forma a liberdade a qual o uso desse método garante ao pesquisador torna um elemento que desperta curiosidade e interesse na pesquisa científica.

A leitura sobre o Sertão aqui proposta pressupõe percebê-lo na sua concretude, superando debates estereotipados, muitas vezes cristalizados pela literatura, músicas e por olhares sulistas centrados na ótica da classe dominante, como ratifica Rosa (2017, p. 7) ao discutir a perspectiva de Bordieu sobre poder simbólico

A classe dominante, cujo poder alicerça-se principalmente no capital econômico, é a vencedora de uma luta pela “hierarquia dos princípios de hierarquização”, impondo seus valores tanto através de sua própria produção simbólica quanto por intermédio dos ideólogos conservadores (alguns artistas, jornalistas, intelectuais, etc.) que servem aos interesses dominantes.

⁴ Projeto de doutorado cujo título é “ENTRE ESPAÇOS OCUPADOS E ESQUECIDOS DO SERTÃO: ÁREAS SUSCEPTÍVEIS À DESERTIFICAÇÃO E VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL EM MUNICÍPIOS DO TERRITÓRIO DO SISAL.” Orientado pelo Professor doutor Marco Tomasoni.



Nesse sentido, a fim de embasar a compreensão sobre os estereótipos ligados à imagem do sertão, a questão do êxodo rural e suas consequências na relação com o território buscou-se as contribuições teóricas dos autores Albuquerque (2001) e Haesbaert (2004, 2014).

A abordagem acerca dos conceitos ligados a construção discursiva e poder simbólico tomou-se como base a obra de Bordieu (2004), o qual discute poder simbólico como um poder ligado a construção de uma realidade, segundo Rosa (2017) transforma a visão e a ação dos agentes sociais sobre o mundo, e desse modo, o mundo.

3. O LUGAR NA OBRA DE ANTÔNIO TORRES

No interstício, entre ler, comparar, buscar e sentir, ficou evidente que a obra "*Essa Terra*" de Antônio Torres se diferencia de outras que também situam espacialmente a narrativa no sertão, por não colocar no centro da história aquilo que, de forma cristalizada e também estereotipada, marca o imaginário sobre essa área: a seca, a pobreza, a concentração de terra, a ausência do Estado, aspectos que não são negligenciados por Torres, mas aparecem como plano de fundo para embasar histórias e desfechos que marcam a vida, as itinerâncias, vivências e dores das personagens.

A obra narra a história de uma família pobre no sertão da Bahia cujo desfecho se mostra trágico e triste. A narração é feita por um dos personagens, integrante do núcleo familiar, e apresenta um viés memorialístico, alicerçado em elementos carregados de sátira e em muitas vezes indiferença e desgosto frente ao lugar lócus da história, o Junco situado no Sertão Nordeste.

Compreender o Sertão da década de 1970 a partir do olhar de Totonhim, narrador da história e irmão do personagem principal, Nelo, o nordestino migrante que tenta vencer na vida saindo do Junco⁵ em direção a São Paulo, é buscar nas entrelinhas meios para desenvolver uma análise geográfica a partir de um Sertão apresentado na perspectiva do pessimismo, da denúncia e da desesperança, mas que em algumas partes da narração pode-se perceber a tentativa de resgatar esse lugar a partir de um imaginário afetivo.

Na obra é presente o sentimento de ambivalência com o espaço narrado, evidenciado na divisão dos capítulos intitulados, respectivamente como: "*Essa terra me chama*"; "*Essa terra me enxota*"; "*Essa terra me enlouquece*"; "*Essa terra me ama*". A relação do narrador com o

⁵ Corresponde hoje ao território de Sátiro Dias, município baiano inserido no Território de Identidade do Agreste baiano e litoral norte, situado na transição, na porção oeste, entre zona úmida e semiárida do Sertão.



lugar que habita é permeada por uma miscelânea de sentimentos, sobretudo conturbados e contraditórios.

A contradição e o sentimento ambivalente que envolve a relação da personagem Totonhim com sua terra é presente em toda obra, a nostalgia em relação a sua terra também é apresentada ao descrever de forma contemplativa a paisagem do Junco, Torres (2008, p. 16)

O junco: um pássaro chamado Sofrê, que aprendeu a cantar o Hino Nacional. Uma galinha pintada chamada Sofraco, que aprendeu a esconder os seus ninhos. Um boi de canga, o Sofrido. De canga: entra inverno, sai verão. A barra do dia mais bonita do mundo e o pôr-do-sol mais longo do mundo. O cheiro do alecrim e a palavra açucena. E eu, que nunca vi uma açucena. Os cacos: de telha, de vidro. Sons de martelo amolando enxadas, aboio nas estradas, homens cavando o leite da terra. O cuspe do fumo mascado da minha mãe, a queixa muda do meu pai, as rosas vermelhas e brancas da minha avó. As rosas do bem-querer: Hei de te amar até morrer. Essa terra que me pariu.

A citação explicita o afeto entre sujeito e o espaço, esse que, vivido e sentido na sua inteireza, ganha um significado imbuído de sentido, concebido segundo Tuan (1979) a partir da experiência pessoal de espaço, tornando-se um lugar. Para Tuan, o sentido do lugar remete-se, além da apreciação visual, a percepção do espaço através dos órgãos do sentido: audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo com o ambiente. E nessa relação de proximidade e vivência entre o sujeito e o mundo que o conceito de lugar se materializa.

A instabilidade frente ao sentimento de ligação com sua terra natal, em grande parte fruto das condições impostas por uma realidade de dificuldade e atraso, é descrita pelo autor em diferentes passagens, como (...) "*e foi assim que um lugar esquecido nos confins do tempo despertou de sua velha preguiça para fazer o sinal-da-cruz*" (Torres, 2008, p. 16); "*o asfalto da estrada de Paulo Afonso não chegou aqui, mas também deixou o Inhambupe de lado. O lugar cresce como rabo de besta*" (Ibidem, p. 18), evidenciando, além do atraso vinculado ao nível desenvolvimento da região, a forte religiosidade que é marca de produções que têm o Sertão como palco.

As características estigmatizadas do nordeste, como pobre e atrasado, são uma marca do discurso hegemônico que não considera as heterogeneidades dessa região e a reduz à estereotipação inferiorizante, criada a partir de um imaginário carregado de intencionalidade sobre o Sertão, onde, supostamente, a seca é a maior causadora de todos os males. Esse discurso, enquanto construção histórica e política, foi apropriado pela coletividade de forma indistinta como "verdade", inclusive entre os sertanejos, que culpabilizam as condições climáticas como entrave para o desenvolvimento da região, e não negligenciando esse aspecto na sua obra Torres (2008, p. 102) escreve



Nascemos numa terra selvagem, onde tudo já estava condenado desde o princípio. Sol selvagem. Chuva selvagem. O sol queima o nosso juízo e a chuva arranca as cercas deixando apenas o arame farpado, para que os homens tenham de novo todo o trabalho de fazer outra cerca, no mesmo arame farpado. E mal acabam de fazer a cerca têm de arrancar o mato-pasto desde a raiz. E erva daninha que nasceu com a chuva, que eles tanto pediram a Deus.

A citação demonstra forte descrição marcada pelo olhar de condenação, degradação e pouco valor atribuído a sua terra, sendo isso uma marca reflexo do discurso construído pelas classes dominantes, cujo intencionalidade se centra na condição de negar o quão esquecido esse espaço, o sertão nordestino, passou a ser quando o eixo econômico do país se direciona, a partir do século XIX, para o Centro-sul atrelado ao crescimento da economia agroexportadora no país, centrada entre outros produtos, na exportação de café.

Nesse sentido, os conceitos de construção discursiva e poder simbólico de Bordieu (2004) tornam-se apropriados para compreensão acerca da retórica que envolve a percepção coletiva sobre o Sertão nordestino e os estereótipos, conforme assinala Albuquerque (2001), criados a partir de um jogo de forças que objetivam cristalizar o Sertão como espaço do retrocesso e culpabilizar a natureza por esse quadro de atraso. Tais discursos buscam criar um sentimento coletivo de convivência e silêncio para que não se questione a negligência, a ausência e a ineficiência do Estado nessa área.

Ratificando a ideia da construção de discursos Rosa (2017) dá centralidade a questão concernente à dominação, compreendida como a manutenção de uma ordem injusta, que privilegia alguns grupos ou indivíduos em detrimento de outros, e nesse caso tais grupos estão representados pelo estado e pela elite econômica do país. Nesse sentido Rosa (2017) traz para baila a análise de que a sociologia de Bourdieu tem o intuito primordial de objetivar e desvendar as imposições simbólicas, revelando a realidade objetiva por detrás das construções arbitrárias que conservam a ordem estabelecida.

Torna-se pertinente, no que tange a questão socioeconômica do nordeste, refletir sobre o papel do poder público na ampliação das vulnerabilidades presentes nessa área, uma vez que o descaso na implementação de políticas públicas ligadas aos setores básicos intensifica a situação de carência e desprezo às comunidades dessa região, que se consolidam como principais fatores geradores do intenso êxodo. Antônio Torres retrata, de forma ficcional, porém realista, o descaso do Estado na geração de emprego e renda, destacando como isso empurra a população para situações de exploração e, como consequência, essa fica entregue a sua própria



sorte. Sem emprego, sem renda, passa a ver na aquisição de empréstimos oferecidos por bancos um meio de melhorar de vida, como expressa Torres (2008, p.19)

(...) Ancar: o banco que chegou de jipe, num domingo e missa, para emprestar dinheiro a quem tivesse umas poucas braças de terra. Os homens do jipe foram direto para a igreja e pediram ao padre para dizer quem eles ram, durante o sermão. O padre disse. Falou em progresso, falou bem de todos. O banco tinha a garantia do presidente.

O cultivo de sisal era incentivado pelo sistema financeiro da época, atividade que destoava da experiência produtiva da comunidade do Junco, porém, mesmo desconhecido o manejo, foi aceita por muitos e visto como meio de conseguir prosperar, "*Plante Sisal. Está dando um dinheirão. Sisal ninguém sabia plantar (...) os homens do banco discutiram, explicaram, prometeram máquinas e dinheiro e todas as ajudas*". (Ibidem, 2008, p. 19).

E assim delineia-se mais um infortúnio para os empobrecidos do Junco, o cultivo de sisal não prosperou, sem trabalho, sem renda e agora endividado, o pai de Nelo e de Totonhim vende sua roça para pagar as promissórias do banco, ou seja, perde a sua terra, perde o seu sustento, perde aquilo que lhe mantinha ligado aquele espaço. Haesbaert (2014) conceitua desterritorialização, para além da ideia de deslocamento espacial, como processo que atinge grupos sociais em situações de extrema precarização de vida e exclusão social, análise que pode ser vinculada à condição imposta à família de Nelo e de tantos outros sertanejos frente a expropriação daquilo que era seu único bem, a terra.

A obra sugere uma reflexão acerca do impacto da chegada do banco para os moradores do Junco para além da questão da exploração financeira e patrimonial, enfoca também o deslumbramento, como os sujeitos engravatados e bem vestidos exprimiam confiança e nobreza, tudo que os jovens do Junco desconheciam, porém desejavam, e assim Nelo impressionado com os homens da cidade, enxerga a prosperidade na migração, "*Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos*" (TORRES, 2008, p. 19), migrar seria a solução para fugir da situação precária em que vivia.

Torres apresenta a migração como possibilidade e desilusão, a ida de Nelo para São Paulo, o preconceito sofrido "*Todo baiano é negro. Todo baiano é pobre. Todo baiano é veado*" (Ibidem, p. 53), o fracasso na grande metrópole e o retorno ao Junco demonstram de forma crítica o reflexo da migração para o Sertão e para os sertanejos, como fica claro na passagem,

Casas fechadas, terras abandonadas. Agora o verdadeiro dono de tudo era o mato-pasto, que crescia desembestado entre as ruas dos cactos de palmas verdes e pendões secos, por falta de braços para a estroenga. Onde esses braços se encontravam? Dentro do ônibus, em cima dos caminhões. Descendo. Para o sul de Alagoinhas, para o sul de Feira de Santana, para o sul da cidade da Bahia (...), para o sul do Brasil. A sorte estava no Sul, para onde todos iam. (Idem, p. 74)



No Sertão tratado como terra da desesperança, o abandono é um traço marcante. O fragmento literário evidencia o abandono do lugar, um lugar que expulsa por não atender às expectativas de seus moradores, pauperizado pelo centro-sul, marginalizado e que pode ser definido como um espaço ou aglomerados de exclusão conforme assinala Haesbaert (2004; 2014).

A migração enquanto desilusão e solidão sofrida pelos sujeitos que migram, se apresenta em diferentes passagens do romance, uma delas quando a mãe do narrador abandona o marido e vai para Feira de Santana para que os filhos possam estudar, e se depara com miséria e dificuldades. Essa realidade também é expressa nas cartas de Nelo para o pai quando afirma "*São Paulo é uma cidade deserta*", "*São Paulo não é o que se pensa*" (Idem, p.67), e que além de conviver com a solidão, padece por não conseguir uma boa situação econômica, o que o faz ter que retornar para o nordeste.

No caso de Nelo, a narrativa, ao mesmo tempo que expressa a desilusão por São Paulo, retrata uma certa nostalgia do eu lírico ao comparar a metrópole com sua terra natal, resgatando o Junco como seu lugar. Corroborando com essa análise Carlos (2007, p. 85) assinala

(...) o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento.

O lugar impregnado na memória de Nelo não era o mesmo que ele encontra ao retornar ao Junco "*a venda já não era a mesma*" (TORRES, 2008, p. 31) ele não se percebe mais como sujeito desse lugar, "*É por isso que não sei se volto ou se fico. Acho que agora tanto faz. Porque o tempo que comeu meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que deixei em São Paulo*" (Ibidem, p. 102). O fragmento expressa a sentimento de Nelo em relação aquilo que para ele, antes, era seu lugar, ou talvez frente às condições adversas em que sempre viveu, que o impediram de tecer laços de afetividade e pertença. Essa relação ser pode compreendida a partir da citação a seguir

(...) no mundo globalizado, as questões identitárias se acirram, pois é um tempo de idas e vindas não apenas de lugar, mas também de situações que, pelo contato e permeabilidade, possibilitam o surgimento de algo novo, diferente, ou seja, um indivíduo que não é aquele do lugar de origem e nem o do lugar em que está. Por outro lado, tem um pouco de cada espaço, porém não consegue identificar-se, busca um terceiro que se situa no lugar de passagem. (PESAVENTO, 2001 apud ALBARELLO, 2010, p. 145)

Essa condição atrelada ao seu retorno, sinônimo de fracasso, por não ter conquistado o que almejava na grande cidade e por não atender à expectativa de seus familiares, trouxe como



consequência o seu suicídio, reflexo da perda da esperança, dos sonhos e da sua identidade. E assim, um sujeito desterritorializado, compreendido a partir de Haesbaert (2003) no sentido social, ligado a dinâmica de exclusão, um sujeito sem ligação com seu espaço, um sujeito em conflito que não foi capaz de adaptar-se as inconstâncias da sua realidade, e tira sua própria vida por perceber-se como sujeito de lugar nenhum.

4. SOBRE AS (IN)CONCLUSÕES DE SER E VIVER O LUGAR QUE É O SERTÃO

A Geografia, calcada na compreensão da relação entre sociedades humanas e ambiente, perspectivada a partir das dimensões espaciais, perpassa pela compreensão da vida social, uma vez que a forma de viver da sociedade imprime marca sobre o espaço, assim como o espaço imprime sua marca na sociedade, numa verdadeira e intensa relação dialética e histórica. Assim, ao tratar do espaço ocupado e transformado, a Geografia, enquanto ciência dinâmica, apresenta forte potencial de transversalidade que possibilita uma conexão dialógica com outras ciências e áreas, entre elas a literatura.

Na obra ficcional e memorialística, *Essa terra*, apesar do Sertão ser tratado como oposição ao litoral de forma generalista e não determinada geograficamente, ele é o centro da narrativa, garantindo assim uma análise regionalista ao texto. Essa centralidade, expressa através das formas e do significado que esse espaço assume como palco das interações sociais dos personagens, da sua atuação, das formas de exclusão apresentada, constitui elementos chave para a compreensão do espaço. Sendo esse espaço, o Sertão, que expulsa povos em função da carência intencional posta, um sertão esquecido político e economicamente, e que essa marginalização potencializa sua expropriação enquanto território explorado e pauperizado pela região concentrada, aquela dotada de infraestrutura e oportunidades, que suga a mão de obra ativa das áreas alvo da periferização.

A relação do homem com o espaço ganha uma dimensão central na obra de Torres, levando o leitor a entender o espaço através do tempo, e a dissociabilidade do sujeito com seu espaço o leva a morte. Nesse sentido, Merleau-Ponty (2006, p. 205) afirma que "o corpo não está no espaço, ele é o espaço", e nessa relação entre sujeito-espaço, uma relação de imbricação e pertença, Torres nos faz entender a importância da territorialidade para a vida humana, levando a compreensão do lugar como combinação de diferentes elementos, econômicos, sociais, naturais, que é sentido e percebido de forma distinta pelos sujeitos, em relações que nem sempre são harmoniosas. O espaço, compreendido como lugar, passível de ser decodificado como uma



linguagem, a linguagem dos homens falando com o espaço como meio de expressão (FRÉMONT, 1976 apud KASHIWAGI, 2005).

O sertão narrado e contado através da obra de Torres é um espaço carregado de sentido e significações, e por isso um lugar, onde transitam os sujeitos que contraditoriamente ligados à terra, vêm no seu desapego do migrar o meio de sobreviver e obter dignidade. Sair da terra e levá-la em si, voltar à terra e não se perceber dali, e assim se delinea o espaço-lugar, marcado pela ambivalência de sentidos e sentimentos.

REFERÊNCIAS

ALBARELLO, Adriana Maria Romitti. A memória na construção identitária em essa terra e pelo fundo da agulha, de Antonio Torres. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo* - Dossiê, 2010 – ISSN 1679-849X. Disponível em: http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie04/RevLitAut_art10.pdf. Acesso em: 01 jul. 2021.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Alexandre Dalla Barba de. A construção do conhecimento geográfico utilizando a literatura como recurso pedagógico: um estudo de caso empregando a literatura de Júlio Verne. *Revista Eletrônica Para Onde!?*, Porto Alegre, v.10, n.1, p.228-235, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: _____. *O poder simbólico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 107-132.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave na Geografia. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa Gomes; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2000. p. 15-47.

FRÉMONT, A. *La région, espace vécu*. Paris: PUF, 1976.

FUINI, L. L. O Território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. *Rev. Geografia, Ensino e Pesquisa*. v. 21, n. 1, p. 19-29, 2017.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização sem limites: reflexões geográficas em tempos de pandemia (I)**. AGB Campinas, 2020. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/site/2020/rogerio-haesbaert-desterritorializacao-sem-limites-reflexoes-geograficas-em-tempos-de-pandemia-i/>. Acesso em 31 mai. 2021.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Associação Brasileira de Geógrafos, Porto Alegre. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 2003.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

KASHIWAGI, H. M. et al. *O processo de percepção dos espaços marginalizados*. Curitiba, n. 9, p. 69-82, 2005. Editora UFPR.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, set./dez. 2005.



MARANDOLA Jr., Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**. Rio Claro, SP: v.34, n.3, p. 487-508, set./dez. 2009.

PESAVENTO, Sandra (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. *Rev. Sem Aspas*, Araraquara, v.6, n.1, p. 3-12, jan./jun. 2017.

SANTOS, Milton. Entrevista com Milton Santos. *Revista Veja*. Rio de Janeiro: Abril, ano 27, nº 46, 1994, p. 07.

SILVA, José Borzacchiello da. *É geografia, é Paul Claval*. / José Borzacchiello da Silva... [et al.]; Org Maria Geralda de Almeida, Tadeu Alencar Arrais. – Goiânia : Funape, 2013. 176 p

SUESS, Rodrigo Capelle. Geografia Humanista e a Geografia Cultural: encontros e desencontros! A insurgência de um novo horizonte?. *Élisée, Rev. Geo. UEG – Porangatu*, v.6, n.2, p.94-115, 2017.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. Ed. Bestbolso. Rio de Janeiro, 2008.